



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



**JORGE MEDAUAR: FICÇÃO, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO
IDENTITÁRIA**

Juciene Silva de Sousa Nascimento
(UNEB/GELC/UEFS)
cieneufs@gmail.com

RESUMO: O estudo se refere à discussão identitária da região sul-baiana, ao levar em consideração o estilo de Jorge Medauar e a importância dada ao *ser*, em detrimento da aquisição de bens. Tal vertente vem se solidificando no imaginário local mediante discussão historiográfica dos elementos identitários da região sul-baiana em virtude dos deslocamentos históricos, econômicos e sociais que a região e os indivíduos sofreram ao longo do tempo, já que tais deslocamentos provocaram a fragmentação do indivíduo grapiuna, bem como a mudança de paradigmas da cultura, fragmentando o imaginário que agora se encontra multifacetado. Nesse trabalho, nota-se que o ideal medauariano valoriza a existência humana, suas ações, pensamentos, sentimentos, entre outros, narradas pelos personagens das tramas de acordo com as vivências locais do tempo da narrativa, mostrando-se como parceiro fiel da memória. Assim, aqui será realizada a análise de quatro obras do autor, de acordo com o critério temporal, apresentado conforme a leitura de *Água Preta* (1958); *A procissão e os porcos* (1960); *Histórias de menino* (1961) e *Visgo da terra* (1983), a fim de sinalizar como a vivência de um povo pacato de uma das pequenas cidades da região cacauieira tem relevância global no que tange à compreensão do indivíduo como ser social. Constatar-se-á, também, que o *ser* auxilia a noção do princípio de identidade, no sentido de evidenciar o outro lado do imaginário regional e universal, criticando-o, discutindo-o e (re)configurando-o, na medida em que apresenta as mudanças sociais, históricas, econômicas e culturais presentes, a todo o momento, na fala, reflexões e discussões das personagens que compõem os contos ao longo do trabalho.

Palavras-chave: Indivíduo. Jorge Medauar. Literatura grapiúna. Deslocamento identitário.

No presente artigo, cuidarei de apresentar-lhes o imaginário de Jorge Emílio Medauar, nascido aos 15 dias do mês de abril de 1918. Autor de histórias encantadoras e dignas de estudos, das quais a propriedade em retratar a vivência dos habitantes do sul da Bahia o faz ser notado como um autor que se dedica a espalhar as belezas físicas e humanas de sua terra, mais especificamente da antiga Água Preta do Mocambo, a qual trouxe aos seus leitores a oportunidade de reavaliar o ser humano como elemento pertencente a um universo no qual as experiências nele vividas influenciarão na composição de sua essência.

A princípio, o trabalho surgiu pelo desejo de despertar nos leitores atentos das obras literárias do sul da Bahia a necessidade de reavaliar a identidade da referida região. Contudo, ao ler

Jorge Medauar, contemporâneo de outro Jorge (o Amado), percebi que o imaginário daquele se dispersava deste, uma vez que enquanto Jorge Amado se preocupava em tematizar a saga do cacau, Jorge Medauar evocava elementos que compunham a existência das pessoas que conviviam com esse tipo de economia, estruturando um imaginário pautado na preocupação com o valor da vida, das pessoas, com a relativização das coisas, com igualdade entre os indivíduos e com o desejo de deixar marcas de suas vivências de indivíduo da terra.

A maior dificuldade encontrada foi a necessidade de referências sobre o autor que respaldassem a pesquisa. No entanto, tal dificuldade se converteu em oportunidade de exploração e análise própria de um acervo tão rico e tão pouco estudado no cenário literário. A informação de que o autor teria marcado presença em várias obras, a maioria de autores renomados, elevou minhas expectativas em encontrar pistas sobre quem seria Jorge Medauar como escritor, contudo, na maioria das vezes, só encontrei citações isoladas, a presença de um ou outro conto sem análises contundentes que configurassem as características estéticas de seu imaginário. Logo, decidi compor o estudo com análises próprias, respaldando-o com teóricos cujas ideias convergissem para o entendimento de traços identitários e culturais da referida região.

À medida que lia as obras a serem analisadas, punha-me surpresa com a riqueza de informações e excentricidades com as quais as personagens se revelavam. A impressão obtida a cada leitura era a de que também estava ali, presenciando cada ação, questionando os feitos, ficando absorta com as resoluções das tramas. Como diria o próprio narrador de Jorge Medauar, “dizque” um estudioso jamais deve se envolver com o objeto de seu estudo, nem deixar se influenciar por ele. Deve analisá-lo à distância a fim de perceber aspectos que somente quem está de fora do contexto consegue enxergar. Porém, como filha da terra, tal dito acadêmico se mostrou ineficiente, já que à medida que o trabalho avançava, sentia-me revisitando lugares e pessoas, como se estivesse no mesmo lugar, mas em outro tempo e em outro contexto, cujas propriedades me ajudaram a compreender as crenças, os costumes e as pessoas do presente.

A melhor impressão obtida durante o processo de leitura foi a de que não estava diante de um livro, mas de um amigo regional mais velho, conhecedor das histórias grapiúnas que entre uma conversa e outra, sentado na porta de casa, tomando um café, como todo bom interiorano, e em meio a um “disgrama”, um “de com força”, “cuma é”, “por mode”, “home, qual!” e “dizques” conseguia tecer, de forma simples e singular, as características de um lugar rico em belezas naturais e de pessoas que valorizavam suas vidas e as vidas das pessoas que os amavam. A maior dificuldade disso tudo é ter de admitir que, como o presente estudo é

acadêmico, devo denominar teoricamente tais características, tão singelas, em nomes tão complexos como telúrica e existencialista respectivamente.

Diante de tais impressões, a confecção desse trabalho buscou contribuir para a ampliação referencial crítica sobre a obra de um autor grapiúna, cujos escritos merecem uma riqueza de análise que tenha por finalidade disseminar suas obras junto ao público acadêmico regional, nacional, ou até mesmo, dos amigos críticos internacionais que se servem da literatura brasileira.

O questionamento norteador desse estudo está baseado na notável subversão do sistema referencial do espaço utilizado na obra medauariana, traduzida pela semantização dos lugares dotados de simbologia, da relativização dos estereótipos sociais representados nas figuras humanas, das cenas de espaços públicos e privados e dos produtos que definem o universo sociocultural retratado pelo autor. A análise de tais elementos identitários, reconhecidos em seus contos, evidenciou que a identidade sul-baiana sofreu, ao longo do tempo, uma mobilidade, diferente daquela propagada por autores que antecederam Jorge Medauar. Com base nisso, deparamo-nos com os seguintes questionamentos: como os fatores históricos, sociais, políticos, econômicos ou religiosos, que formataram a identidade cultural sul-baiana, são inseridos e mobilizados na evidência do imaginário atual da literatura regional de Jorge Medauar e quais os efeitos causados pela presença dos mesmos na iminência de uma nova identidade?

O estudo da obra de Jorge Medauar traduz elementos até então considerados parte de histórias lendárias sustentadoras da ideia de cultura da região grapiúna, considerando os indícios revelados pelos aspectos de verossimilhança que revelam aspectos históricos, sociais, filosóficos e culturais pelos quais passaram a região. A análise realizada mediante as obras literárias ratifica a relevância de tal produção no campo ficcional, sugerindo caminhos para novas análises em direção à inserção de autores pouco estudados no âmbito acadêmico. Portanto, diante da nova perspectiva identitária da região sul-baiana, apresenta-se a proposta de (re)definição da identidade local fragmentada, com a finalidade de reafirmar no conto o resgate memorial de uma cultura em transformação, revelando um novo perfil que vem surgindo na contemporaneidade através da leitura investigativa das obras *Água Preta* (1958), *A procissão e os porcos* (1960), *Histórias de menino* (1962) e *Visgo da terra* (1983), obras que sequenciam e substancializam a produção de Jorge Medauar.

Peço licença, nesse momento, para me furtar das numerosas teorias utilizadas no decorrer do estudo e registrar aqui algumas de minhas impressões ideológicas sobre as obras em questão, também registradas nas análises realizadas. Ouso tão arriscada proeza a fim de tratar as minuciosas temáticas das obras com a mesma singeleza e perspicácia com que o labor autoral

logrou conquistar seus leitores. Ademais, torna-se quase impossível tratar de um estudo tão vertical em um espaço de tempo delimitado, pois se fosse atender ao meu desejo, passaria dias e dias externando e me debruçando sobre ideias de tais obras, já que a beleza de sua estrutura e ideologias é ilimitada.

Começo por salientar as ideias tecidas no livro *Água Preta* (1958), no qual o autor funda a sucessão narrativa mediante a metaforização de ricos signos representativos que merecem atenção. Nota-se, através da dimensão imagética da narrativa, a (re)visão do comportamento do homem pelo próprio homem, em que, numa dimensão lógica do relacionamento humano, considera-se a relação dialética entre homem e animal, entre o ser social e ser animal.

Assim, é possível notar que o autor reveste sua narrativa de uma constante revelação das ações humanas, discorrendo nos enunciados o princípio que designa a identidade como um traço que compõe o 'ser', isto é, um traço que fundamenta o indivíduo em suas especificidades. A preocupação com a visualização das ações demonstra a necessidade de se compreender o ser por meio do plano da existência que se dá no pleno convívio de seus partícipes.

A riqueza com que tal imaginário proporciona o entendimento do universo humano leva à percepção de que os valores familiares exercem forte influência em seus componentes. Embora imperceptíveis, a valoração social humana se dá desde os primórdios no seio das relações familiares, mais tarde fortificadas e evidenciadas no convívio com o outro, ratificando a prerrogativa de que a família é que dá a base educativa de uma criança e esta se comportará segundo as orientações que recebeu. O que importa é o que o homem pode ser e não o que pode ter.

Nota-se, ainda, uma relação um tanto ou quanto paradoxal entre as partes que compunham o grupo social local, uma disparidade na relação de ódio e dependência entre o eu e o outro. A identificação do "eu" existe no "outro" e precisa ser dialogada a partir do princípio da convivência. A (re)visão dos valores não se dá somente no sentido da aceitação da diferença, mas também na inteligência em aceitar a valorização humana como princípio mais precioso que aquisições.

Outra temática bastante discutida na escritura medauariana é a revisão étnica, a qual é retratada na mesma perspectiva da importância de ser um indivíduo pertencente a uma etnia e não acentuar a diferença de haver outra. Nesse sentido, as predileções colonialistas são desestruturadas a partir da noção de, enquanto *ser*, o indivíduo poder, dever e ter direitos e deveres iguais, no entanto as diferenças genéticas o auxiliarão a se realizar em uma cultura mestiça que comporta a coexistência de indivíduos díspares geneticamente e par existencialmente.

A alusão que Jorge Medauar faz às questões raciais e de gênero pode ser compreendida mediante uma dialética contemporânea que considera a diferença como, apenas, dois lados que se encontram e dialogam no *entre-lugar* da fronteira. As relações étnicas podem ser compreendidas num aspecto mais dialógico, em que o Eu pode compreender as razões de ser do Outro, buscando desestruturar as relações de poder que marginalizam os indivíduos ao colocá-los em uma condição mais ou menos elevada do que os estereótipos se ocupam em ratificar.

A narrativa de *A procissão e os porcos* (1960) carrega em suas páginas temáticas universais que a caracterizam como uma obra pertencente à corrente estética do regionalismo brasileiro. Composta por cinco contos, nos quais as histórias não se esgotam em si mesmas, aparentemente finitas, porém se eternizando fora do texto mediante sugestões e representações expressionistas, atraindo o leitor para o contrato ficcional. Ademais, revela a complexidade econômica e social da região sul baiana que se mostra na dependência que se tinha das más ou boas safras do “fruto de ouro”, das quais dependiam os acontecimentos de vida ou morte, os contentamentos ou decepções, a estagnação ou a mudança.

Os contos narram fatos, verossímeis na medida do possível, ocorridos e demarcados pela presença pretérita dos acontecimentos. Jorge Medauar organizava a ficção em uma espécie de crônica de costumes com o auxílio da memória, acesa pela lembrança e por resquícios de esperança em poder ver reconhecido um povo dotado de traços singulares.

O conto de abertura, “A procissão e os porcos”, que dá nome à obra, envolve temáticas norteadoras da vigência da diversificação econômica em vista das consideráveis oscilações do preço do cacau, economia que provocou o desenvolvimento de ações e/ou costumes provenientes da pujança financeira regional. Nesse conto, consideramos, em especial, dois aspectos culturais que performam todo o enredo envolvido em inúmeras outras temáticas: o primeiro, a procissão, que evidencia a existência de marcas religiosas fortíssimas na região; e o segundo, os porcos, que têm o papel de descentralizar a economia e despertar a atenção do latifundiário para o sucesso da diversificação econômica.

A (re)discussão dos costumes se dá numa ambivalência colossal, uma vez que, mediante a preocupação com a situação financeira local, é traçado um perfil comportamental dos indivíduos que, semelhantes economicamente aos coronéis, se comportavam de forma reprovável em relação aos valores, princípios humanos e sociais. Pode-se afirmar, diante de tal perspectiva, que a ponderação realizada, na narrativa, é evidenciada a partir de conceitos morais que aludem ao que é politicamente correto no âmbito de uma sociedade, levando em consideração princípios éticos, religiosos e morais.

Com a revisão do projeto ficcional, o escritor Jorge Medauar passa a refletir, também, em seu imaginário, a emergência de traços culturais híbridos na região sul-baiana, fato que o faz aproximar-se mais de um fazer literário desalienado da cultura local. Duas importantes relevâncias temáticas autorais se revelam através da evidência da cultura local. A primeira está no reconhecimento da efemeridade das coisas, isto é, nada continua estático, parado, no mesmo lugar. A segunda diz respeito à diluição do imaginário grapiúna, uma vez que as narrativas tomam outro rumo, sustentando ideias opostas àquelas em torno do coronel, agora reconhecido como opressor e merecedor das desgraças que o assolaram, do menos favorecido, como o negro, que agora ganha outra versão, a de ser também reconhecido.

A impressionante vertente com a qual Jorge Medauar se encanta nas fantásticas histórias infantis é, sem dúvida, uma espécie de achado literário. O escritor se debruça em suas narrativas sem a visão adulta comum para a qual alguns contos se encarregam de doutrinar o universo infantil, convertendo esse imaginário em algo de natureza crítica, reflexiva ou até mesmo pedagógica. A simplicidade dos fatos nos leva a crer na existência de um narrador que não só conta a história como também dela participa, construindo-a conforme suas experiências de menino que saudosamente evoca dos tempos em que sua vida era se divertir, descobrir, realizar coisas que nada tinham a ver com o mundo mascarado, (i)responsável e cruel dos adultos.

Em *Histórias de menino* (1962), o lirismo prosaico se converte em ferramenta fundamental para a construção imagética de uma existência inocente, sem a malícia fornecida pelas paixões humanas, sem a constante preocupação com o que teremos, seremos ou faremos no futuro, sem o desconforto das más experiências e, sobretudo, sem a ansiedade de representar papéis sociais necessários à convivência humana. A obra é composta por dez contos que carregam, no decorrer de seus enunciados, histórias das quais um narrador da terra se ocupa de informar aos leitores a singeleza das ações, pensamentos e propósitos daquelas personagens que ainda estão descobrindo o valor real da vida.

O narrador de *Histórias de menino* se utiliza do conhecimento local que possui a fim de tecer suas histórias a partir das experiências que testemunha ou delas faz parte. Não obstante, o fato de esse tipo narrativo não ter experiências de localidades distintas, não invalida seus conhecimentos, haja vista que estes estão ancorados pelo conhecimento do passado. Cabe ressaltar que no fazer literário de Jorge Medauar a voz narrativa sempre irá evidenciar marcas da oralidade povoada de características próprias da terra, convertendo seus contos em uma espécie de *conversação literária*, a qual pode ser entendida como um gênero de ficção criada

sob as matrizes das suas congêneres reais.¹ Isto é, a voz narrativa sempre será revertida de um falar regional singular como estratégia enunciativa para que seja o mais natural possível, podendo gerar a desconfiança, acima citada, de que o narrador é alguém que conhece os costumes, as pessoas e as histórias da terra.

A obra *Visgo da terra*, do ano de 1983, é constituída de pequenas histórias demarcadoras de um estilo discreto e engenhoso de um contista moderno. Nelas, Jorge Medauar deposita o objeto de desvendar suas personagens empregando gestos e ações típicos, permitindo que o leitor observe como se estivesse debruçado em uma janela a observar ações, práticas e costumes de toda a gente aguapretana. Dessa forma, é permitido ao leitor que sua imaginação alcance tudo o que não foi dito no conto ao ser-lhe oferecida uma peça chave para o mosaico criteriosamente estabelecido na estrutura da história.

O título e as epígrafes muito bem selecionadas tornam aceitável a ideia de que o autor, de alguma forma, demonstra-se saudoso de sua terra natal, de suas vivências de homem interiorano, do costume das pessoas desse lugar e de compor belíssimas histórias de suas experiências mais marcantes. Assim, *Visgo da terra* busca evidenciar o desejo dos indivíduos marcados pelos saberes de sua pátria, que teimam em não sair dela, em continuar vivendo de modo simples, mas com amores intensos e pessoas singulares. Lugar um dia rico, de exíguos coronéis e consideráveis produções de cacau, mas, ainda que depois de empobrecer com as pestes e baixas de seu fruto econômico, não perdeu o seu valor por possuir indivíduos abastados de espírito e bom coração.

Ademais, a metáfora do visgo pode ser compreendida, também, como os costumes, práticas e valores intrínsecos na alma daqueles sujeitos, o que os impulsionava a conhecer o outro e a si mesmo, repensar tais práticas em todo momento, criticá-las e reinventá-las de acordo com as necessidades, sem forjar a existência de outros sujeitos que não fossem eles mesmos, os tipos simples, mas de complexa essência.

Em suma, ratificamos, nesse estudo, que o imaginário medauariano valoriza a existência humana, suas ações, pensamentos, sentimentos, entre outros, narradas pelas personagens das tramas de acordo com as vivências locais do tempo da narrativa. Assim, fizemos a análise dos contos das obras a fim de sinalizar como a vivência de um povo pacato de uma das pequenas cidades da região cacauera tem relevância global no que tange à compreensão do indivíduo como ser social. Constatamos que o *ser* auxilia a noção do princípio de identidade, no sentido de evidenciar o outro lado do imaginário grapiúna, criticando-o, discutindo-o e

¹ Hudinilson Urbano trata de duas modalidades linguísticas presentes na literatura, em que distintamente se apresentam como *narração* e *conversação literárias*, das quais a primeira pode ser entendida como fala sem a oposição entre os interlocutores e a segunda pode ser compreendida como língua literária, a qual é unilateral, difusa, diferida e “como tal, é estabelecida de um autor para leitores, sem reciprocidade” (2000, p. 129).

reconfigurando-o, na medida em que a memória apresenta as mudanças sociais, históricas, econômicas e culturais presentes, a todo o momento, na fala, reflexões e discussões das personagens que compõem as tramas.

Assim, podemos considerar que a riqueza local (re)configura as experiências vividas, confirmando a ideia de que a sociedade grapiúna se mostra contestadora no próprio ato de sua definição, uma vez que é colocada de forma estratégica no imaginário de Jorge Medauar, dotado de subjetivação, de maneira a tratá-la como fruto de revisões constantes, haja vista a necessária reintegração do ser no tempo e no espaço. Tal subjetivação é tão singular que prefiro, nesses últimos momentos de considerações, que o próprio Medauar lhes demonstre sua essência em “Autobiografia”:

AUTOBIOGRAFIA

(Jorge Medauar)

Meu nome todo é Jorge Emílio Medauar
Filho de imigrantes árabes
Tenho ficha na polícia cidadão indesejável elemento agitador.

E amo gatos bichinhos miúdos sem importância
Nunca matei passarinho (uma vez fui, a mão tremeu)
Amo amizades construídas em bar esquina cabaré
O rio de minha terra
O mar onde pulo em mergulhos
Onde vejo barcos gaivotas penso em piratas heróis da infância
Penso em viagens conhecer tudo quanto é canto do mundo
Amo as noites luarinas gatos miando pelos telhados
Amo meus livros meu quarto os retratos da mãe e do líder que me fitam
Amo até porque compreendo os que me magoam

Quando nasci em Água Preta meu pai como qualquer pai
Se alegrou deu dinheiro aos pobres
Farinha e carne seca aos cegos da feira
Minha mãe fez promessa prometeu meu nome a São Jorge meu protetor
Também fui batizado crismado como cristão

Cresci aprendi sofri amei
Amei tanto que virei poeta para amar também
Esta coisa que me espreme o coração
Isto que me dá de noite de manhã e a qualquer momento
Que me põe na mesa me obriga a chorar
Ao ver letras tremendo em minha frente
Gota de lágrima escorrendo pelo rosto borrando a página.

Por hoje
- Adeus

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre [et al.]. **O papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 2ª ed. Campinas/SP: Pontes Editora, 2007.

ADONIAS FILHO. **Corpo vivo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia – chão de cacau**: uma civilização regional. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ADONIAS FILHO. **Os servos da morte**. São Paulo: Ediouro, 1946.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2ª ed.. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

AMADO, Jorge. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1997.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 28ª ed.. São Paulo: Martins, 1974.

AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. 52ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Dionísio & Cia na moqueca de dendê**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários**: o romance baiano no século 20. Itabuna/Ilhéus: Via Litteratum, 2008.

ARRUDA, José J. de; PILETTI, Nelson. **Toda história**: história geral e história do Brasil. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

BARBOSA, Carlos Roberto Arléo. **Notícias históricas de Ilhéus**. 2ª ed. Bahia: 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Trad. Mauro Gama; Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. *In: Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOLLE, Willi, **Grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed.34, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Trad. Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Trad. Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

CASHMORE, E. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 10ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 7ª ed.. São Paulo: Ática, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1996.

CRISTÓVÃO, Fernando [et al.]. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Edições Cosmos, 1997.

DUARTE, Pedro Russi; COGO, Denise. Migrações contemporâneas e diáspora: uma análise desde as interações comunicacionais e midiáticas de imigrantes uruguaianos no sul do Brasil. *In: UNirevista*. Vol. 1, nº 03, julho de 2006.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERREIRA, Jeruza Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios**. Cotia/SP: Atelier Editorial, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. De Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FREADMAN, Richard. MILLER, Seumas. Re-pensando a teoria: uma crítica da teoria literária contemporânea. Trad. Aguinaldo José Gonçalves e Álvaro Hattner. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

FREITAS, Alessandra Cardozo de (org.). **Linguagem, discurso e cultura**: múltiplos objetos e abordagens. Pau dos Ferros/RN: Queima –bucha, 2008.

GODET, Rita Olivieri. PENJON, Jacqueline. **Jorge Amado**: leituras e diálogos em torno de uma obra. Salvador: FCJA, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Que é isto – a filosofia?** Identidade e diferença. Trad. Ernildo Stein. 2ª Ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1978.

LAHIRE, Bernand. **A cultura dos indivíduos.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre/RS: Artmed, 2006.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem.** Trad. Ana Cristina Leonardo. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário.** São Paulo: Brasiliense, 2003.

LAVALÉE, Denise Gurgel. O mito e a realidade nas obras de Jorge Amado e Yves Thériault. In: OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de; SOUZA, Lícia Soares de. **Heterogeneidades:** Jorge Amado em diálogo. Feira de Santana: UEFS, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas-SP: Editora Unicamp, 1990.

LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LIMA, Luiz Costa. **História, ficção, literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MALERBA, Jurandir. **A história escrita:** teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

MARIA, Luzia de. **O que é o conto.** 4ª d. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARITAN, Jacques. **Sete lições sobre o ser.** Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais.** Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEDAUAR, Jorge. **Água Preta.** São Paulo: Brasiliense, 1958.

MEDAUAR, Jorge. **Ensaio.** Ilhéus/BA: Editus, 2000.

MEDAUAR, Jorge. **Histórias de menino.** Rio de Janeiro: J. Ozon, 1962.

MEDAUAR, Jorge. **A procissão e os porcos.** São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MEDAUAR, Jorge. **Visgo da terra.** São Paulo: Record, 1984.

MEDAUAR, Jorge. **Viventes de Água Preta.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1996.

MIRANDA, Adalmir da Cunha. Apresentação. In: **A procissão e os porcos.** São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MOISÉS, Maussaud. **A análise literária.** 17ª ed.. São Paulo: Cultrix, 2008.

MUECKE, D.C.. **Ironia e o irônico.** Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local**: fragmentação e recomposição da história da crise da modernidade. Feira de Santana/BA: UEFS, 2002.

NUNES, Benedito (apud RÓNAI, Paulo). Os vastos espaços. *In*: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ODETE, Maria; MATILDE, Maria; MEDAUAR JR., Jorge (org.). **Jorge Medauar em prosa e verso**. Ilhéus: Editus, 2006.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. 20ª ed.. São Paulo: Ática, 2001.

OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de; SOUZA, Lícia Soares de. **Heterogeneidades**: Jorge Amado em diálogo. Feira de Santana: UEFS, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. *In*: **Papel da memória**. ACHARD, Pierre [et al.]. Trad. José Horta Nunes. 2ª ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2007.

PÓLVORA, Hélio. **A força da ficção**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. *In*: **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & Cia**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. Superintendência de Desenvolvimento do Turismo. **Roteiros ecoturísticos da Bahia Costa do cacau**. 2ª ed. Salvador: A Secretaria, 2002.

SHIPLEY, Josephe (apud SANT'ANNA, Affonso Romano de). **Paródia, paráfrase & Cia**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SIDEL, Roberto. Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico e intelectual. *In*: **Anais do XI Encontro Regional da ABRALIC**. São Paulo: USP, 2007.

SILVA, Antonia Marly Moura da (org.). **De memória e de identidade**: estudos interdisciplinares. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2010.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Literatura, patrimônio cultural e produto turístico**. Disponível em: <http://www.uesc.br/icer/artigos/ticaliteraturapatrimonio.htm> Acesso em: 17/03/2009.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Poetas novos da região cacauera**. Brasília/DF: Horizonte Editora, 1987.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A ficção da Região Cacauera baiana: questão identitária. *In*: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, nº 1 (1997-1998), Ilhéus: Editus, 1998, p.119-128.

SOUZA, Lícia Soares de. Formações culturais em *Mar Morto* e *Menaud Maître-Draveur*. *In*: OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de; SOUZA, Lícia Soares de. *In*: **Heterogeneidades**: Jorge Amado em diálogo. Feira de Santana/ BA: UEFS, 2003.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura**: o caso Rubem Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.

WALTER, Roland. Mobilidade cultural: o (não-)lugar na encruzilhada transnacional e transcultural. *In: Interfaces*. Associação Brasileira de Estudos Canadenses, nº 8 (2008). Rio Grande/RG: FURG/ABECAN, 2008.

WALTY, Ivete L. Camargos. **O que é ficção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZINK, Rui. Literatura e o referente: o problema do espaço ou O preso que voa. *In: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. UESC, 1998.